

10 JUL 1989

O perigo da maioria absoluta

Felix de Athayde

"Em 15 de novembro, teremos saudades de 15 de junho."

Deputado José Serra

Andam os patos sem sapatos. Sem rumo, sem prumo, sem perspectivas, sem votos. E os fatos fazem memória: sempre que perdiam eleições por maioria simples (e perderam todas), os feiteiros liberais-udenistas contrapunham, a favor do seu fervor "democrático", o princípio da maioria absoluta. E tanto clamaram por ela, que ei-la aqui, no papel. Mas, transformada numa espécie de espada de Dâmo-cles civil, ameaçando o *establishment*.

Tudo é sair do fogo e entrar numa fria. Trata-se de caso típico em que o feitiço se volta contra os feiteiros. No Brasil, a maioria absoluta é de miseráveis. E os votos desses miseráveis pesarão mais na balança eleitoral do que os votos dos engomados. Total: jogaram democracia no ventilador.

A teoria era bela, mas, se praticada, será um perigo para os conservadores. Não lhes acudirá o céu em socorro. Seja quem for eleito, estará respaldado por uma maioria de desassistidos que o forçarão a desrespeitar acordos de cavalheiros — os célebres e sórdidos acordos de cavalheiros. É que a maioria do povo está sempre contra os conservadores — dilapidadores, corruptores, especuladores. E, portanto, votará contra eles. Não há remédio de esperança.

Isso de que não deve ser eleito quem não tiver maioria no Congresso entra por um ouvido e sai pelo outro do eleitor. O Congresso está tão desmoralizado, politicamente, que não vai tugar nem mugir. Vai engolir o que lhe enfiarem pela goela.

Fosse um país em que todos obedecessem às leis (às quais a própria classe dominante, que as faz, não obedece), a maioria absoluta seria o princípio mais democrática, sem dúvida. Mas, num país sem métrica nem ética, como o Brasil, a maioria absoluta — de iludidos, desiludidos, desesperados — termina por eleger um candidato a ditador em potencial. Não será ditador se não for ambicioso. E todo candidato à presidência da República é, naturalmente, ambicioso. Reza a cartilha.

E é axioma: os que mandam, querem continuar mandando. É aqui que a porca da democracia torce o rabo. Só um inteligente e jeitoso golpe de estado — a salvação da lavoura, da indústria, do comércio e das finanças — evitará que a maioria autoritária chegue ao poder. Povo com fome jamais apóia o candidato dos "homens".

Mas, não desatine, leitor, será tudo dentro dos conformes. Condições de golpe não se repetem: criam-se outras. O golpe, se vier, será pacífico e legal. Não será, brutalmente, militar, embora tenha apoio de militares. Será civil e legal. Afinal, trata-se de um golpe contra parte da população, os famintos, e não contra a população toda, como em 64 — um golpe dos homens "limpos" contra os "nojentos".

Pretexto para golpe eles têm: a hiperinflação. Que Mailson nega três vezes e quantas for necessário. Em vão. "(...) uma inflação de 25% a 30% ao mês já caracteriza a hiperinflação, porque não está mais sob controle" (deputado César Maia in **JORNAL DO BRASIL**, 2.7.89). A hiperinflação está aí. Ainda não foi anunciada, oficialmente, porque não chegou a hora azada e aprazada. Quando chegar a hora, e será a hora do golpe, o governo dará as boas-vindas oficiais à hiperinflação e a receberá com pompas, direito de revista a tropas e a planos. Ela virá, é questão de tempo e de preços (e o CIP — o órgão mais ativo da burocracia federal — não me deixará mentir). Ela virá como 2 e 2 passarão de 4 a 22. Escuta, temerário, um pão custará o teu salário.

Eles negam (são pagos para isso), mas a hiperinflação está aí. Certamente, não estará no Palácio do Planalto (onde tudo é mordomia), mas, certamente, está nos supermercados, pulando de preço em preço, debochada. Só dói quando metes a mão no bolso. E não te preocupes com possível golpe, (e)leitor. Estamos no Brasil e, no Brasil, nunca houve eleição sem ameaça de golpe. Eleição sem ameaça de golpe não tem graça. Ou tu pensas que as águas correrão mansas até 15 de novembro? O que vem por aí não está no gíbi.

Até o reconhecimento oficial da hiperinflação, governo e conservadores vão usar de todo e qualquer artifício para tumultuar a vida do país. Não faltarão novidades, como ameaça de renúncia de Sarney, acirramento artificial da briga besta Executivo-Legislativo, nova falência da Previdência, o escambau. Eles não descansarão enquanto não agravarem a crise e criarem o pânico.

Cultiva-se uma crise. É preciso espichá-la até que arrebe (do lado mais fraco, naturalmente). Vão tentar pactos, impactos, potocas — tudo, enfim, para atingir um fim, o fim. O golpe legal está em marcha. O deputado "centrãoista" Ricardo Fiúza não esconde o rabo preso e esclarece em pormenores: "(...) vamos para a hiperinflação, e só um psicopata pode imaginar que haverá eleição com hiperinflação. O caos será tão grande que o povo vai para rua pedir intervenção militar" (JB, 2.7.89). E Ricardo Fiúza não é nenhum psicopata.

O golpe, como se vê, está em marcha. Aliás, em vôo cego, pois Jânio Quadros está no meio, ébrio de poder. E os indomáveis conservadores estão mais perdidos, com os disparos das pesquisas de opinião, do que cego em tiroteio.

Houve época em que pensei que a candidatura, incolor do Collor garantisse as eleições, por ser de direita. Os conservadores são enrustidos, mas não são de direita. Hoje, carrego comigo outra opinião: os conservadores não confiam no Collor. Querem o *status quo* — a democracia só para eles.

Andam os patos sem sapatos.

PS.: Cresce o pânico. Do **JORNAL DO BRASIL** de 7.7.89: "Com sua margem de manobras cada vez mais estreita, o governo reformulou suas metas e concentrará esforços para chegar às eleições com uma inflação de 40% em novembro."

Tem piada.

Mais: o ministro do Planejamento, João Batista de Abreu, reuniu-se com assessores e economistas do Inpes (Instituto de Pesquisas da Seplan) e deu "uma boa notícia": "A situação do déficit público não está tão ruim quanto parece" (JB, 7.7.89).

Está apenas ruinzinha.

E mais: "A tendência da inflação é continuar subindo — reconhece João Batista de Abreu (JB, 7.7.89) — já a partir de julho, mas não vai acontecer necessariamente um estouro."

Como escreveu T.S. Eliot no poema *Os homens ociosos* (qualquer semelhança não é mera coincidência): o Brasil acabará "não com uma explosão, mas com um suspiro".